

AMBIENTE VIRTUAL DE ARTE-EDUCAÇÃO AMBIENTAL



Arte Romana



Michelle Coelho Salort
Jéssica Dias

MICHELLE COELHO SALORT
JÉSSICA DIAS

ARTE ROMANA

1^o edição

Rio Grande
Michelle Coelho Salort
2018

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)
Informações oferecidas pelo autor

S175a	<p data-bbox="437 1234 713 1263">Salort, Michelle Coelho</p> <p data-bbox="448 1296 1235 1388">Ambiente Virtual de Arte-Educação Ambiental : Arte Romana. / Michelle Coelho Salort ; Jéssica Dias. 1. Ed. – Rio Grande: Ed. Michelle Coelho salort, 2018.</p> <p data-bbox="502 1420 708 1480">16 p. ; il. Inclui bibliografia.</p> <p data-bbox="454 1512 1134 1588">1. Educação ambiental. 2. Arquitetura Romana. 3. Arquitetura Riograndina. I. Dias, Jéssica. II. Título</p> <p data-bbox="314 1603 612 1632">ISBN 978-85-924816-5-0</p> <p data-bbox="1102 1666 1235 1695">CDD 709.3</p>
-------	---

Bibliotecária responsável: Paula Simões – CRB 10/2191

ARTE ROMANA

Olá, amigos!

Neste material, vamos estudar a arte romana e descobrir que em nossa cidade existe um lugar, a Banca do Peixe, cuja arquitetura se aproxima da construída pelos romanos há muitos anos. Isso nos faz perceber que nossa história, apesar de sua distância no tempo e no espaço, não está desvinculada da história do mundo.

Arquitetura Etrusca e Romana

A arte romana “[...] veio a ser a pedra fundamental da arte de todos os períodos posteriores” (STRICKLAND, 2004, p. 16) e recebeu forte influência, num primeiro momento, da arte feita pelos gregos. É só mais tarde, porém, que os romanos “[...] deram uma reviravolta na arte e na filosofia gregas” (idem). A arte romana pode ser considerada menos idealizada e intelectual do que a arte clássica grega. Entretanto, o espírito romano pode ser percebido como mais prático e menos lírico, produzindo, assim, sua própria arte, mais secular e funcional. Se os gregos “[...] brilhavam na inovação, o forte dos romanos era a administração” (idem).



Figura 1. Loba. 500 a.C. Bronze, altura 0,85 m.

Museu Capitolino, Roma.

Fonte <http://g1.globo.com/>

A origem da civilização romana é cercada de lendas e mitos, como a dos irmãos Rômulo e Remo, filhos da sacerdotisa Sílvia e do deus Marte. Os irmãos teriam sido jogados no rio Tibre e encontrados por uma loba que os amamentou (Figura 1). Criados por um pastor, os gêmeos foram proclamados reis quando adultos, mas, por causa de uma disputa pelo poder, Remo acabou sendo morto por seu irmão. Rômulo se tornou chefe da cidade de Roma, que recebeu este nome em homenagem a Remo (PROENÇA, 2005).

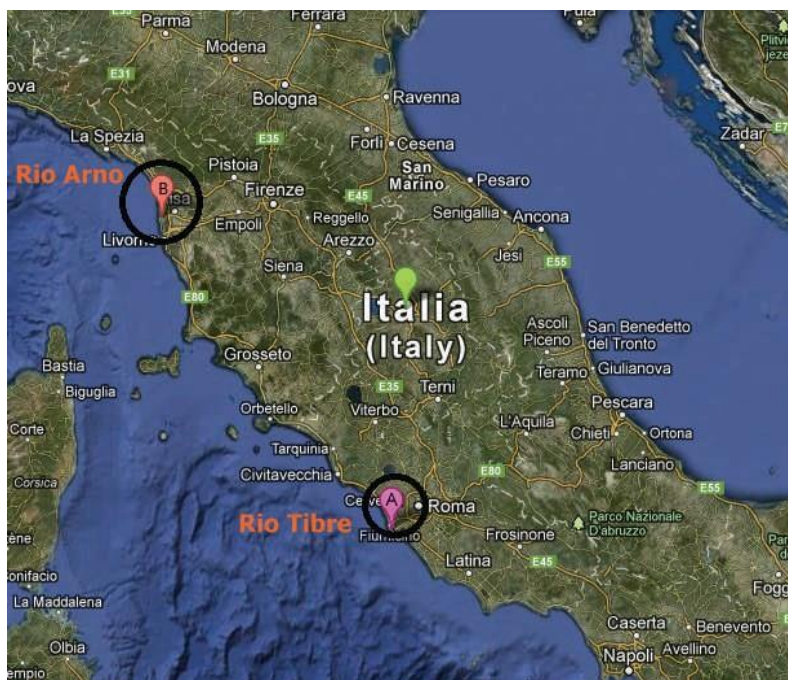


Figura 2. Localização dos povos Etruscos, entre o Rio Arno e o Rio Tibre, Itália.

Fonte: <http://maps.google.com.br/>

Entretanto, para Proença (2005), os **gregos e etruscos** se instalaram no centro-oeste da Itália (Figura 2) entre o Rio Tibre e o Rio Arno, no século VIII a.C. Foram grandes construtores em pedra, fundidores de bronze e pintores de afrescos. Adaptaram também as formas que os orientais e a Grécia lhes forneceram. A arquitetura etrusca é a passagem da arquitetura grega para a romana.

Assim, a arquitetura romana se caracteriza pela grandeza material dos prédios, além da busca pela utilidade e elegância na forma. Os materiais

mais utilizados nas construções foram tijolos, pedras, mármore, madeira e argamassa. Como técnicas para construção, utilizaram arcos (elemento construtivo em curva, arredondado que emoldura a parte superior de uma abertura ou passagem, suportando o peso vertical) e abóbodas (coberturas internamente côncavas, em geral, construídas com pedras e tijolos apoiados uns sobre os outros de modo a suportarem o próprio peso e os pesos externos) (PROENÇA, 2005).

Com os etruscos, os romanos conheceram o arco e o empregaram em muitas de suas obras. Antes da utilização do arco, os espaços eram repletos de colunas, o que reduzia o espaço de circulação, como nos templos gregos. Assim, com o arco, os romanos puderam ampliar o vão entre as colunas, criando amplos espaços internos, livres delas. Um exemplo da utilização da abóboda é o Panteão (PROENÇA, 2005).

VOCÊ SABIA?

Os etruscos formavam um aglomerado de povos que viveram na Península Itálica na região a sul do rio Arno e a norte do Tibre, dominavam a arte da decoração tumbas e tinham escrita. Durante séculos, sua civilização foi comparada à egípcia. Depois, um manto de fantasia recaiu sobre ela: teria sido anterior e, definitivamente, precursora da grega.

Entre as construções romanas, encontramos as basílicas, grandes edifícios que tiveram várias funções como tribunais, mercados os quais foram adaptados para servirem de igrejas na Idade Média. O Panteão (Figuras 3 e 4) é um exemplo de basílica.



Figura 3. Abóboda no interior do Panteão, Roma.

Fonte: <http://umolharsobreart.blogspot.com.br/>

Já os Anfiteatros eram construções populares destinadas ao lazer, como jogos e competições. Possuíam um espaço central em forma de elipse, local em que acontecia o espetáculo. Em sua volta, ficavam os assentos que formavam as arquibancadas. Dentre eles, destacamos o Anfiteatro de Flávio, em Roma, cujo nome mais comum é Coliseu (Figuras 5 e 6).



Figura 6. Interior do Coliseu, Roma

Fonte: <https://www.rome-museum.com>



Figura 4. Interior do Panteão, Roma.

Fonte:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Pante%C3%A3o_\(Roma\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pante%C3%A3o_(Roma))



Figura 5. Coliseu em Roma.

Fonte: : <https://www.rome-museum.com>



Figura 7. Teatro de Marcelo, Roma.

Fonte: http://it.wikipedia.org/wiki/Teatro_di_Marcello

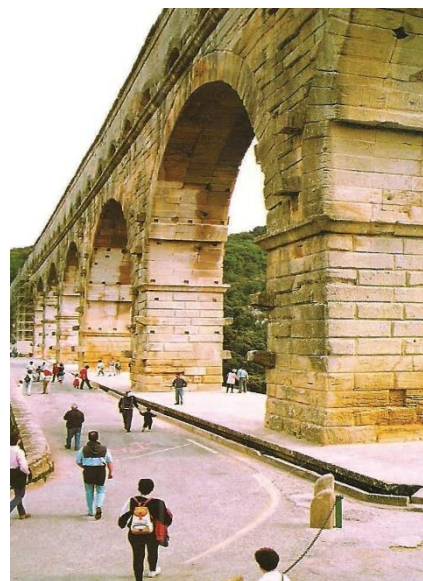
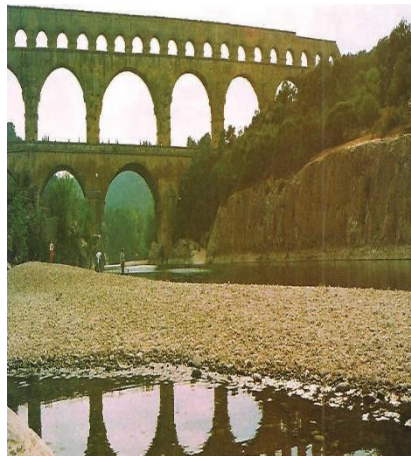
As termas eram locais de encontro e convívio social. Possuíam piscinas de água quente e fria, saunas, ginásios, estádios, hipódromos, salas de reuniões, bibliotecas, teatros, lojas e amplos espaços verdes (Figuras 7 e 8).



Figura 8. Termas de Caracala, Roma.

Fonte: <http://cultura.culturamix.com/arte>

Os romanos estabeleceram colônias em muitos lugares da Europa, construíram casas, termas, mercados, prédios governamentais, **aquedutos**... Estes últimos eram importantes obras públicas que tinham como finalidade canalizar a água para as cidades. O aqueduto de Le Pont Du Gard, construído no século I a.C., tem 50 quilômetros de extensão e levava água para a cidade de



Figuras 9 e 10. Aqueduto de Le Pont Du Gard. Nîmes França

Fonte: <http://pontdugard.com/pt>

Nîmes (França). Na ponte sobre o rio Gardon (Figuras 9 e 10) três ordens de arcos revelam, além da qualidade da engenharia romana, a beleza em áreas vazadas que dão leveza à ponte (PROENÇA, 2005).

Com a finalidade de comemorar seus feitos, os arcos do triunfo eram erguidos com decoração em baixo-relevo e esculturas alegóricas para comemorar suas vitórias. Eram colocados em ruas importantes. Também com o intuito de comemorar suas vitórias, destacamos a Coluna de Trajano (Figuras 11, 12 e 13) erguida no século I da era cristã, que narra as batalhas na Dácia, atual Romênia. A obra se destaca pelo número de figuras em relevo, tornando-se um importante documento histórico (PROENÇA, 2005).

VOCÊ SABIA?

O arco do triunfo é uma criação da arquitetura romana e eram construídos para marcar uma vitória numa batalha, ou seja, cada arco representava uma conquista. O Arco de Constantino foi erguido em Roma para comemorar a vitória de Constantino na Batalha da Ponte Mil-vio em 312



Figura 11. Arco de Constantino, Roma.
Fonte: <http://pt.wikipedia.org>



Figura 12. Coluna de Trajano, Roma
Fonte: <http://design3dbgi.blogspot.com.br>

DETALHE DA COLUNA



Figura 13. Detalhe dos baixos-relevos da coluna de Trajano.
Fonte: <http://design3dbgi.blogspot.com.br>

Pintura

A pintura romana se revela como devoradora e continuadora, tanto nos temas como no estilo da pintura grega. Os romanos não demoraram a criar seu próprio estilo, abandonando as pinturas heroicas e mitológicas, em função de temas como paisagens e naturezas-mortas. A pintura mural, também conhecida como afresco, é um elemento decorativo encontrado nas casas de pessoas de grande poder aquisitivo.

O QUE É UM AFRESCO?

É uma técnica artística na qual a pintura ocorre em muros, tetos ou paredes. Esta técnica consiste em pintar sobre uma base de gesso ou nata de cal ainda úmida, por isso o nome derivado da expressão italiana fresco, de mesmo significado no português. Dessa forma, as cores penetram no revestimento e, ao secarem, passam a integrar a superfície nas quais foram aplicadas. A durabilidade do trabalho é maior em regiões secas, pois a umidade pode provocar rachaduras na parede e danificar a pintura. O termo também é usado para designar a pintura feita dessa maneira, normalmente em igrejas e edifícios públicos, e ocupando grandes extensões.

No afresco ao lado, observa-se uma paisagem que cria uma ilusão de espaços florestais contendo uma variedade de elementos da fauna e da flora.

O artista conseguia tal ilusão de profundidade e, ao mesmo tempo, de uma floresta densa por meio de uma escala tonal com azul e verde (Figura 14). A representação da natureza era tão real que, por vezes, parecia uma continuação de jardins das casas, nos quais era possível imaginar o canto dos pássaros e sentir o aroma das flores (ANDE, et al., 2011, p. 34).

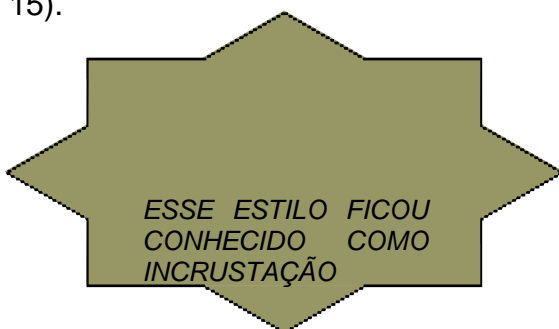


Figura 14. Sala-jardim da Villa de Livia – 11,70m x 2,70m, Roma. Museo Nazionale Romano.

Fonte: <http://books.google.com.br/books>

Primeiro estilo (150 – 80 a.C)

A pintura imitava revestimentos de mármore colorido. Esse estilo ficou conhecido como estilo de incrustação (Figura 15).



ESSE ESTILO FICOU
CONHECIDO COMO
INCRUSTAÇÃO

Figura 15. Pintura do primeiro Estilo na Casa Samnita, Herculano. Finais do séc. II a.C.

Fonte: <http://umolharsobreart.blogspot.com.br/>

Segundo estilo (80 a.C – 14 d.C.)

Como afirma Ande (2011, p. 36), “A pintura figurativa com perspectiva arquitetônica realista tinha a função de ampliar o ambiente e sofisticá-lo, mostrando, através de uma moldura contornada por desenhos de colunas, ilusões de vistas exteriores, que pareciam ora paisagens ora edifícios que se elevavam uns por trás dos outros (Figura 16). Esse estilo era conhecido como arquitetônico .

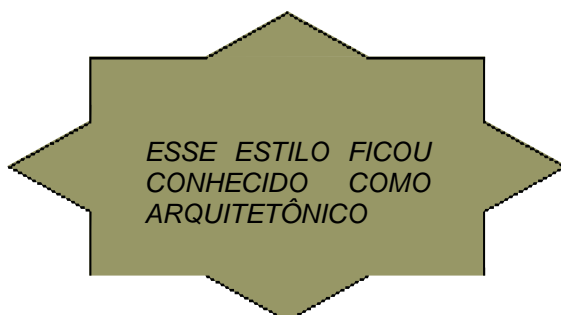


Figura 16. Pintura mural no Segundo Estilo da *Vi lla d e Pub l i u s Fann i u s Sinistor*, *Boscoreale*, *perto de Pompeia*. Meados do séc. I a.C.

Fonte: <http://umolharsobreaart.blogspot.com.br/>

Terceiro estilo (14- 62 d.C.):

Os elementos arquitetônicos perdem o caráter ilusório e de perspectiva realista, predominando apenas o gosto decorativo do interior de um ambiente.

Na pintura ao lado, vemos a parede decorada com elementos que nos dão a ideia de nichos, que guardam esculturas de figuras femininas sustentando quadros emoldurados e, no centro, uma cena mitológica de Dionísio recebendo cuidados de uma ninfa (Figura 17).

A combinação destes elementos era meramente ornamental, dando origem ao nome do estilo: ornamental. (ANDE, et al., 2011, p. 36).



Figura 17. Parede da *Villa Farnesina*, *Museo Nazionale Romano*.

Fonte: <http://books.google.com.br/books>

Quarto estilo (62 – 79 d.C.)

Ande (2011, p. 36) afirma que a pintura adquiriu um caráter de restauro após o terremoto, de 62 até o ano da erupção do vulcão Vesúvio. Este estilo mostra o gosto pela cenografia, acentuando uma teatralidade (Figura 18). Ele também ficou conhecido como estilo fantástico ou ilusionista, por causar no espectador uma falsa ideia de profundidade.

ESSE ESTILO FICOU
CONHECIDO COMO
ILUSIONISTA



Figura 18. Pintura mural no Quarto Estilo, Sala de Ixião, *Casa dos Vetii*, Pompeia, c. 63-79 d.C.
Fonte: <http://umolharsobrearte.blogspot.com.br/>

Mosaicos

O mosaico é uma técnica de ornamentação que consiste na colocação de pequenos pedaços de pedras lado a lado até formar um desenho previamente escolhido. Os gregos usavam o mosaico principalmente no chão, já os romanos, além de usarem os mosaicos nos pisos, também os utilizavam para a decoração de paredes, demonstrando grande habilidade na composição de figuras e no uso da cor (PROENÇA, 2005).



Figura 19. "Cave Canem", mosaico-tapete de uma casa de Pompeia.
Fonte: <http://umolharsobrearte.blogspot.com.br/>



Figura 20. “A Batalha de Issos”, mosaico, 2,72x5,12m, Museu Nacional, Nápoles.
Fonte: <https://www.museoarcheologiconapoli.it/en/>

Muitos mosaicos (Figuras 19, 20 e 21) foram encontrados em perfeito estado nas cidades de Pompeia e Herculano, soterradas pela erupção do vulcão Vesúvio em 79 d.C., e descobertas no século XVII .



Figura 21. Mosaicos romanos da cidade de Pompeia.

Fonte: <http://comunidade.sol.pt>

Esculturas



Figura 22. *Estatua equestre de Marco Aurélio*, Bronze,

Fonte: <http://historiadaculturaedasartes10s.blogspot.com.br>

Os romanos admiravam a escultura grega. Então, colecionavam os originais e, muitas vezes, faziam cópias deles para serem colocadas como forma decorativa em templos, praças, vilas e residências de pessoas abastadas.

A arte escultórica feita pelos grandes artistas gregos foi se adaptando ao gosto romano que se utilizava dela a serviço da propaganda política imperial.

Uma das maiores honras que um comandante poderia obter seria ter uma estátua equestre (relativo a cavaleiros) sua no fórum (Figura 22). Muitas dessas obras não sobreviveram ao tempo.

Relevo Narrativo

Os relevos narrativos eram painéis de figuras esculpidas que tinham a função de perpetuar a lembrança de eventos, personagens e feitos militares no período imperial. Eram feitos em colunas, sarcófagos e em arcos triunfais.

A partir do século II d.C., o gênero de arte visual mais importante da arte mortuária passa a ser o sarcófago, que substituiu a urna funerária.

A imagem a seguir é do sarcófago de Ludovisi e representa a batalha dos bárbaros em 250 d.C. A figura de um jovem comandante militar surge no centro da batalha com o braço erguido em uma saudação de triunfo (Figura 23). Os bárbaros estão representados na parte inferior, e se diferenciam dos romanos pela barba e pelos cabelos longos que demonstram sua selvageria. (ANDE, et al., 2011, p. 38).



Figura 23. Mármore (comp. 2,73 m x 1,37 m x 1,53 m), Museo Nazionale Romano.
Fonte: <http://books.google.com.br/books>

Ordens Romanas

Diante das ordens que já haviam sido criadas pelos gregos (Dórica, Jônica e Coríntia), os romanos permaneceram com a utilização das três ordens e criaram duas novas ordens, denominadas ordem Toscana e ordem Compósita (Figuras 24 e 25).

Eles fizeram somente algumas modificações nas ordens gregas, como na ordem jônica, em que o capitel se achata e as volutas ganham flexão e na ordem coríntia, em que aconteceram pequenas modificações no capitel .

A Ordem Toscana, criada pelos romanos, é caracterizada por sua simplicidade: capitel sem ornato, base sem caneluras (estrias verticais que aparecem em algumas colunas), fuste e base lisos. É uma versão simplificada da ordem dórica grega. A próxima ordem criada pelos romanos foi a compósita, desenvolvida a partir de desenhos das ordens jônica e coríntia, recebendo influências destas duas ordens em seu estilo. Segundo Albernaz (1997, p. 168), “O capitel é ornamentado com adornos das ordens Jônica e Coríntia correspondentes respectivamente às duas volutas e aos acantos”.

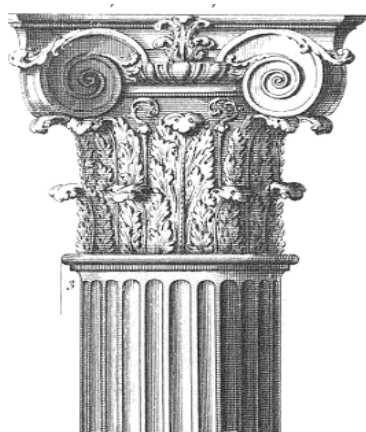


Figura 24. Coluna Ordem Compósita
Fonte: <http://bodesdoar.blogspot.com.br>



Figura 26. Coluna Ordem Toscana, Banca do peixe.
Fonte: Jéssica Dias, 2012

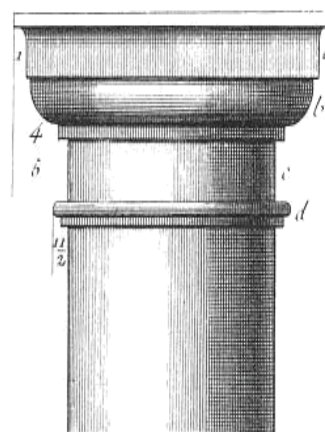


Figura 25. Coluna Ordem Toscana.
Fonte: <http://bodesdoar.blogspot.com.br>

A partir deste pequeno estudo, é possível identificar e entender a existência de algumas colunas e elementos arquitetônicos em nossa cidade. Por exemplo, as colunas que sustentam a Banca do peixe, próxima ao mercado público de Rio Grande, pertencem à ordem Toscana assim, podemos entender a origem, utilização e suas características.

Lembrando que, além das colunas existentes na banca do peixe, várias outras colunas de estilos e ordens diferentes podem ser encontradas, a partir de um pequeno estudo como este, em busca de caracterizar a arquitetura pertencente ao lugar onde vivemos.

Em alguns prédios que compõem a cidade de Rio Grande, é possível notar a presença de diversos elementos arquitetônicos como colunas, estátuas, abóbadas, vitrais, entre outros.

A Doca do Mercado (Figuras 27 e 28) é um desses lugares. Localizada no centro histórico junto ao Canal do Rio Grande (Laguna dos Patos), foi mandada construir em 1853, onde fica integrada ao cais municipal. Recebeu esse nome por servir principalmente ao Mercado Público. Nela, atracam os barcos que vêm das Ilhas dos Marinheiros, da Torotama e do Leonídio com produtos hortigranjeiros.

Junto à doca, está construída a chamada Banca do Peixe, com cobertura de telhas coloniais sustentada por colunas da ordem toscana e com algumas argolas para esticar as lonas que protegem o pescado dos raios do sol.



Figura 27. Banca do Peixe, Rio Grande
Fonte: Jéssica Dias, 2012



Figura 28. Banca do Peixe, Rio Grande
Fonte: Jéssica Dias, 2012



Figura 28. Banca do Peixe (detalhe), Rio Grande

Assim como as colunas que sustentam a Banca do Peixe, também é possível encontrar colunas de diferentes estilos na fachada do Prédio da Alfândega, na Biblioteca Riograndense, no Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen e em vários pontos da cidade. Ao estudarmos um local de nossa cidade, estamos conhecendo e descobrindo o lugar em que vivemos e a importância na construção de nossa história.

Referências

ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília M. **Dicionário ilustrado de arquitetura**. Apresentação: Luiz Paulo Conde. -1ª reimpressão. São Paulo: ProEditores, 1997 – 1998.

ANDE, Edna; LEMOS, Sueli. **Roma arte na idade antiga**. São Paulo: Callis, 2011.

CARVALHO, Benjamin de A. **Arquitetura no tempo e no espaço**. São Paulo: ed. Livraria Freitas Bastos S.A

PROENÇA, Graça. *Descobrimos a História da Arte*. São Paulo: Ática, 2005.

STRICKLAND, Carol. *Arte Comentada (Da Pré-História ao Pós-Moderno)* RJ: Ediouro, 2004.

Disponível em: <http://arquiteturaclassica.blogspot.com.br/> acesso em: 15/04/13 17h43min

Disponível em: <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos+3b9e0b,,busca-doca-do-mercado.html#> acesso em: 24/04/13 15h10min

Disponível em: <http://reynaldocesar.blogspot.com.br/2010/06/arco-do-triunfo-roma.html> acesso em: 28/05/13 18h57min

Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/>